

COP29: batalha pelo financiamento climático

Автор(и): Николай Петков, Климатека

Дата: 18.11.2024 Брой: 11/2024



A maior conferência anual sobre mudanças climáticas – a COP29 – está sendo realizada em Baku, Azerbaijão. Um tópico central é a atualização do financiamento para medidas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas para países em desenvolvimento – uma meta estabelecida no Acordo de Paris. Durante os três primeiros dias da COP29, ocorreu uma cúpula de líderes mundiais na qual se chegou a um acordo sobre as regras para créditos de carbono. O fato de o fórum ser mais uma vez sediado por um país produtor de petróleo com governança autoritária permanece problemático. Pelo segundo ano consecutivo, a Bulgária tem seu próprio pavilhão e participa com uma delegação oficial de 72 pessoas, liderada pelo presidente Rumen Radev.

Entre 11 e 22 de novembro, a COP29 está sendo realizada em Baku, com mais de 66.000 delegados de 200 países participando. Milhares de representantes de empresas de combustíveis fósseis estão mais uma vez

presentes, o que continua a tendência preocupante das últimas COPs e mina ainda mais as negociações. Durante os três primeiros dias, ocorreu uma reunião de alto nível de representantes dos países, com o objetivo de lançar as bases para as decisões do fórum. Até agora, não foi alcançado acordo sobre a maioria dos itens-chave da agenda da conferência, mas é provável que, até seu término, um documento com apelos-chave seja mais uma vez assinado.

Azerbaijão – um país produtor de petróleo é mais uma vez o anfitrião

Pelo segundo ano consecutivo, o anfitrião da COP é um país produtor de petróleo. Espera-se que o Azerbaijão aumente significativamente sua extração de combustíveis fósseis na próxima década e há um acordo para que suas exportações de gás para a UE cresçam 17% até 2026.

Pela primeira vez este ano, a presidência da conferência é compartilhada entre três países – o anfitrião do ano passado (Dubai), o atual (Azerbaijão) e o próximo (Brasil). Também é um sinal alarmante que dois deles sejam países produtores de petróleo. Tais movimentos são frequentemente uma razão pela qual essas conferências climáticas não conseguem alcançar resultados suficientemente bons e são usadas para lavagem de imagem por estados e empresas. O próprio presidente do Azerbaijão descreveu os combustíveis fósseis como um "presente de Deus", e o diretor-chefe da representação azerbaijana na COP29 foi gravado organizando investimentos em combustíveis fósseis com potenciais investidores.

Este ano, as negociações são ainda mais ofuscadas pela vitória de Donald Trump nas eleições dos EUA, que é conhecido por negar as mudanças climáticas.

Durante sua campanha, ele mais uma vez a descreveu como uma "grande farsa". Os Estados Unidos geram a maior quantidade de emissões de combustíveis fósseis depois da China. Durante seu mandato anterior, ele se retirou do Acordo de Paris, e mais tarde Joe Biden reverteu essa ação em 2021. Embora Trump não assuma o cargo antes de janeiro de 2025, a atual administração dos EUA não pode assumir compromissos. No geral, espera-se que os Estados Unidos se retirem mais uma vez do acordo e façam uma inversão de marcha em direção ao retrocesso das políticas de proteção ambiental em favor da extração de combustíveis fósseis. As políticas antecipadas da nova administração poderiam adicionar 4 bilhões de toneladas de gases de efeito estufa à atmosfera, de acordo com uma análise do Carbon Brief.

Os mais ricos emitem mais carbono em uma hora e meia do que uma pessoa média em toda uma vida, disse o secretário-geral da ONU, António Guterres, em um comunicado, citando um novo relatório da Oxfam. Ele também afirmou que dobrar o uso de combustíveis fósseis é absurdo e que a revolução da energia limpa está

aqui, e nenhum grupo, nenhuma empresa, nenhum governo pode detê-la. "Mas (os delegados dos países) devem garantir que seja justa e rápida o suficiente para limitar o aumento da temperatura global a 1,5 °C", acrescentou.

A cúpula terminou sem resultados claros

António Guterres abriu a conferência com uma declaração emocionada.

"O som que vocês estão ouvindo é o tique-taque do relógio. Estamos no último momento da contagem regressiva para limitar o aumento da temperatura global a 1,5 graus Celsius. E o tempo não está ao nosso lado."

"Quando se trata de financiamento climático, o mundo deve pagar ou a humanidade pagará o preço", enfatizou o chefe da ONU, dizendo aos líderes mundiais que "vocês e seus governos devem ser guiados por uma verdade clara: o financiamento climático não é caridade, mas investimento; a ação climática não é voluntária, mas obrigatória."

Financiar medidas de adaptação e mitigação para países em desenvolvimento é um tópico central

Alcançar um acordo sobre a negociação da chamada "nova meta quantificada coletiva" (NCQG) para financiar medidas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas em países em desenvolvimento é um tópico-chave da conferência deste ano. Essa meta é exigida pelo Acordo de Paris de 2015, segundo o qual os países desenvolvidos devem fornecer financiamento climático aos mais pobres para que possam reduzir suas emissões de gases de efeito estufa e lidar com as consequências da crise climática, como eventos extremos mais frequentes e mais intensos.

De acordo com as estimativas mais recentes, os países em desenvolvimento, excluindo a China, precisarão de cerca de 1,3 trilhão de dólares americanos anualmente – um valor que o grupo de países em desenvolvimento (G77) está insistindo. Alguns economistas estimam até 2,4 trilhões de dólares americanos. Quase metade desse valor provavelmente virá dos orçamentos existentes dos países e de investimentos do setor privado doméstico, e o restante – cerca de 1 trilhão – terá que vir do financiamento climático internacional.

No ano passado, a criação de um fundo separado para "Perdas e Danos" foi finalmente confirmada, mas de acordo com a maioria das avaliações de especialistas, o financiamento inicial de 700 milhões está longe de ser suficiente – um fato também destacado por António Guterres.

Há progresso também nos créditos de carbono

Na segunda-feira, os países deram luz verde aos padrões de qualidade para créditos de carbono, que são cruciais para o lançamento de um mercado global de carbono apoiado pela ONU sob o Artigo 6 do Acordo de Paris sobre o clima, que financiará projetos para reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Se tudo correr bem, o mercado poderá começar a operar já em 2025.

Em teoria, os créditos de carbono permitem que países ou empresas paguem por projetos, como o reflorestamento, que reduzem as emissões de dióxido de carbono ou o removem da atmosfera, e usem os créditos gerados para compensar suas próprias emissões.

A maioria das organizações ambientais tradicionalmente critica os esquemas de comércio de emissões porque temem que, através desse mecanismo, as empresas possam continuar a poluir mediante uma taxa, em vez de implementar medidas reais para descarbonizar seus processos e produção.



Protesto de ativistas ambientais durante a COP29 contra os mercados de carbono. Fonte da foto de capa: Flickr.

Como de costume, ativistas estão presentes no fórum este ano também, organizando manifestações para chamar a atenção de delegados e do público para a falta de medidas suficientes para proteger o meio ambiente

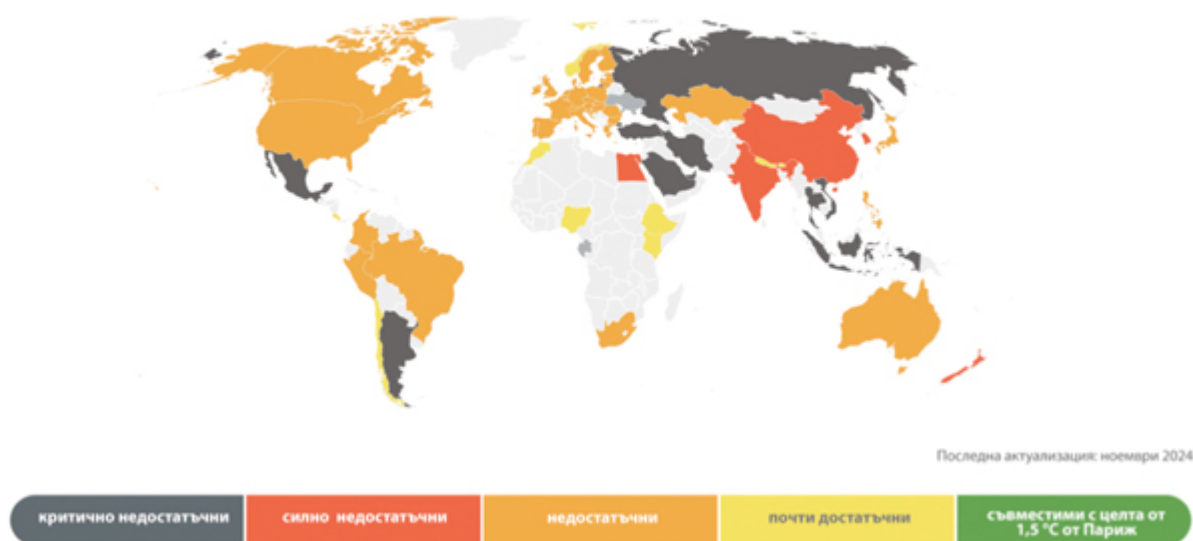
e o clima.

O mercado de carbono poderia ser uma das maneiras de as empresas dos EUA continuarem participando dos esforços globais para enfrentar as mudanças climáticas, mesmo que os Estados Unidos se retirem do Acordo de Paris. Se isso acontecer, as empresas americanas poderão continuar comprando créditos para cumprir suas metas voluntárias.

Os países são obrigados a apresentar novas metas de redução de emissões mais ambiciosas até fevereiro de 2025

As Contribuições Nacionalmente Determinadas, que representam os compromissos de ação climática de cada país sob o Acordo de Paris, são tradicionalmente um tópico importante nas conferências climáticas, mas este ano são de importância secundária.

Съвместимост на Национално определените приноси на страните с целта от 1,5°C



Avaliação da compatibilidade das Contribuições Nacionalmente Determinadas dos países com as metas do Acordo de Paris. Adaptado de: Climate Action Tracker.

No entanto, o tópico não pode ser negligenciado, porque as medidas da maioria dos países, incluindo as da UE, são insuficientes para alcançar a limitação do aquecimento global a abaixo de 2 °C (Fig. 2).

De acordo com um novo relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), até 2030 é necessária uma redução de 42% nas emissões de gases de efeito estufa, e até 2035 – 57%, para alcançar a meta de 1,5 °C de Paris. Se a ambição não for elevada nas próximas novas Contribuições Nacionalmente

Determinadas dos países e sua implementação não começar imediatamente, o mundo caminhará para um aumento de temperatura na faixa de 2,6 – 3,1 °C neste século.

Ao mesmo tempo, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) anunciou que 2024 está a caminho de ser o ano mais quente da história das observações meteorológicas.

Embora a conferência do ano passado tenha alcançado um acordo sem precedentes sobre uma "transição para longe dos combustíveis fósseis", as emissões de gases de efeito estufa continuam a subir, e o total deste ano deve ser cerca de 0,8% maior que o do ano passado. Naquela ocasião, as emissões também atingiram um nível recorde, relatou o Global Carbon Budget.

2 graus Celsius

Noventa por cento dos países sob o Acordo de Paris atualizaram ou substituíram suas contribuições iniciais, mas a maioria dessas melhorias foi feita em 2021. Desde o final do ano passado, apenas Madagascar, Namíbia e Panamá atualizaram suas contribuições, e destes apenas Madagascar fortaleceu suas metas para 2030. Todos os outros países, incluindo a Bulgária, são obrigados a apresentar suas novas atualizações à ONU até fevereiro de 2025, que serão revisadas na COP30 no Brasil.

A Bulgária participa com uma delegação de 72 pessoas, liderada pelo presidente Rumen Radev

Pelo segundo ano consecutivo, também temos nosso próprio pavilhão, bem como participação no Fórum de Transição Verde para a Europa Central e Oriental. O presidente Rumen Radev está liderando nossa delegação oficial de 72 pessoas. Ele disse aos participantes da Cúpula do Clima em Baku que é necessário aumentar significativamente a ambição para mitigar os impactos das mudanças climáticas e aderir ao curso de descarbonização dos sistemas energéticos globais. Isso só pode acontecer se implantarmos todas as tecnologias disponíveis e melhorarmos significativamente a eficiência energética, desenvolvermos a infraestrutura energética e mantivermos a segurança energética como nossa prioridade.

A Bulgária está determinada não apenas a fazer parte de iniciativas de cooperação energética regional na Europa Central e Oriental, nos Bálcãs e na região do Mar Negro, mas também a fortalecer os laços entre a União Europeia e países não pertencentes à UE que compartilham nossas prioridades de neutralidade climática, transição energética justa, segurança energética e inovação tecnológica de baixo carbono, destacou o chefe de estado búlgaro.

Nosso presidente dá ênfase ao hidrogênio verde produzido por meio de energia renovável e à transmissão de energia verde através da Bulg